

Um trabalho coletivo

É uma experiência especial o nascimento do Instituto. E quando se faz as coisas com arte, tudo fica melhor. A ideia de todos é que o PIPA cresça e se converta, a cada edição, em motivo de orgulho ainda maior para os que se encarregam de torná-lo possível.

Com a frase acima, encerramos o texto da coordenação do Instituto do primeiro catálogo do Prêmio PIPA, em 2010.

Agora, nove anos depois, podemos dizer que o orgulho é grande.

Desde 2009, muitas discussões, encontros, conversas e pesquisas aconteceram para constituir o Instituto PIPA e o Prêmio PIPA.

Sabíamos que precisávamos de alguém para tocar o dia a dia, e eu estaria junto como voluntária.

Logo fomos apresentados para a Catarina Schedel, recém-formada na ESPM, com experiência de produção, que nos conquistou imediatamente com sua espontaneidade e proatividade.

Cata ficou trabalhando conosco por sete anos.

Nosso trabalho no dia a dia era (e ainda é) no Instituto: atualização dos sites, contato com os indicadores, com os artistas e com profissionais que ajudam nas partes administrativa, jurídica e de sistemas, produtoras de vídeos, jornalistas, designers, produtores, museólogos, críticos e curadores.

No primeiro ano, tudo foi mais difícil. Se por um lado, para a ideia inicial tivemos como inspiração prêmios existentes, como o Turner Prize e o Prix Pictet, por outro, não havia exemplos de sites semelhantes. Os sites dos prêmios, em geral, são praticamente estáticos, com apenas as informações dos concorrentes e dos vencedores. Tendo como missão ser mais que um prêmio, apoiar, promover e ajudar a documentar a arte brasileira, decidimos criar um banco de dados completo para pesquisa. Criamos dois sites, um em português e um em inglês, com páginas individuais para cada artista que participa de pelo menos uma edição do Prêmio e também posts diários sobre suas exposições, videoentrevistas, além de textos críticos.

Nossos primeiros convites aos indicadores necessitavam de conversas telefônicas explicando o que era o Prêmio PIPA, como era o processo e tudo mais. A recepção foi boa desde a primeira edição. Há indicadores que em sua composição de escolhas dos artistas colocam os que acreditam serem fortes candidatos a finalistas, e outros que indicam pensando na divulgação através do Prêmio para ficarem mais conhecidos. Essa contribuição e essa avaliação são muito ricas.

Resolvemos que, ao invés de gastar com festas de premiação, seria melhor utilizar esse valor para gravar entrevistas com os artistas participantes.

Decidimos criar vídeos de duração média de três minutos em que os artistas falassem um pouco sobre o seu trabalho. Optamos por serem todos realizados através de Skype para ser

viável fazermos videoentrevistas com artistas espalhados pelo Brasil e também no exterior. Com isso, tivemos alguns casos curiosos, como no primeiro ano, em que uma artista não tinha computador com câmera de vídeo. Como ela era do Rio, a produtora de vídeos foi encontrá-la, levando um *laptop*, mas a entrevista teve que ser gravada através do Skype para manter o padrão. Outra história interessante é a de um colecionador que nos contou que em seu tempo livre assiste às videoentrevistas em seu *tablet* para conhecer novos artistas e seus trabalhos.

No início, quando falávamos com os artistas que tinham sido indicados ao Prêmio PIPA, havia uma desconfiança. Com o tempo, isso mudou e, em geral, há o entusiasmo de ser indicado ao Prêmio.

Uma lembrança que nos dá muita alegria é o telefonema que recebemos de Berna Reale quando foi indicada pela primeira vez, em 2012, comemorando muito: "Égua, fui indicada ao PIPA!". De cara ficamos encantados com o seu trabalho e com a sua história.

Acompanhamos o sucesso que a levou a vencer o PIPA Online 2012, ser finalista do Prêmio PIPA, em 2013, e agora temos a grata surpresa de tê-la mais uma vez entre os finalistas. A comemoração dela em 2019 foi com a mesma (ou maior ainda!) euforia e emoção de quando foi indicada pela primeira vez.

Em 2015, Reale foi selecionada para ser uma das representantes do Brasil na Bienal de Veneza, juntamente com André Komatsu, que foi finalista do PIPA em 2011. Este ano, foi a vez da dupla Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, vencedora do PIPA 2017, ser a escolhida para o pavilhão brasileiro na bienal de arte contemporânea mais importante. Ver o sucesso de vários artistas que participaram do PIPA nos gratifica muito.

As histórias do Instituto e do Prêmio se confundem e se completam ao mesmo tempo.

O Prêmio é a janela para a arte contemporânea brasileira e também a vitrine para o Instituto.

Em 2016, o Instituto foi convidado a participar do Camden Sentido, um festival em Londres, celebrando a arte brasileira e coincidindo com o período das Olimpíadas. Com a curadoria de Luiz Camillo Osorio, apresentamos uma seleção de dez vídeos de artistas (que foram participantes do Prêmio PIPA em alguma edição) para serem exibidos online como parte do programa. Além disso, Maria Espírito Santo, na época coordenadora do Prêmio PIPA, participou de uma mesa-redonda sobre arte contemporânea brasileira, representando o Instituto.

Durante nove anos, fizemos as exposições dos finalistas no MAM-Rio. Foram anos de uma excelente parceria. Tivemos um trabalho muito próximo e gratificante com a curadoria, a produção, a museologia e o design do museu. Em função disso, o momento em que transmitimos, "com nó na garganta", a nossa mudança do local de exposição, foi de tristeza para ambos os lados. A sintonia entre as equipes era bem grande. Em alguns anos, tivemos que ficar até tarde na véspera da abertura acompanhando a montagem e diversos funcionários do museu ficaram conosco. Procuramos durante esse período também desenvolver um trabalho educativo, juntamente com a equipe do museu e com educadores externos, no espaço que chamamos de "Área de Convivência do PIPA".

Agora estamos começando uma nova fase para as exposições do Prêmio PIPA. Elas acontecerão na Villa Aymoré, onde já temos feito algumas mostras com diferentes recortes da coleção do Instituto. A primeira aconteceu em março de 2018 sob o título "Depois do fim, antes do começo", abordando o tema deslocamento. Em seguida, "Achados e Perdidos" discutiu a construção de identidade no mundo contemporâneo, através de vídeos e fotografias. Em dezembro de 2018, a abertura de "Entre ruína e construção" coincidiu com a inauguração do *site specific* permanente de Henrique Oliveira, mostrando trabalhos de oito artistas, como pinturas, vídeos e fotografias, que dialogavam com a obra e tratavam sobre a ambivalência do tema.

De maio a julho de 2019, foi a vez da primeira exposição individual promovida pelo Instituto. Inédita, a série completa "Em Profundidade: Campos Minados", de Alice Miceli, mostra registros de minas subterrâneas, em quatro países, que continuam explodindo mesmo após cessados os conflitos que levaram às suas instalações. A primeira parte desse trabalho, no Camboja, foi apresentada por Miceli na exposição dos finalistas do PIPA 2014, quando foi consagrada vencedora do Prêmio. Na época, doou esse conjunto de fotos para o Instituto. Nos anos seguintes, ela continuou o trabalho na Colômbia e na Bósnia. Em 2018, o Instituto comissionou a última etapa do trabalho em Angola e adquiriu as outras duas, ficando, assim, com a série completa.

Além de fazermos exposições frequentes da coleção, para acesso do público, temos emprestado obras a outras instituições. Cedemos a pintura "*Rio Setecentista*", de Arjan Martins, para exposições no Instituto Tomie Ohtake e no MAR, e a acrílica sobre tela de André Griffó, "*O Golpe, a prisão e outras manobras incompatíveis com a democracia*", para a 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc_Video Brasil e também para a exposição coletiva "*Com o ar pesado demais pra respirar*", com a curadoria de Lisette Lagnado, na Galeria Athena. Criamos um site independente para o Instituto PIPA, onde apresentamos toda a coleção e as exposições realizadas.

Para tudo isso, continuamos com uma equipe pequena, mas com grande empenho, com Thaysa Paulo e Patricia Bello à frente do dia a dia, com a minha supervisão e de Luiz Motta, o apoio administrativo de Eleina Coutinho, Áthilas Lima e Arley Silva, e a colaboração das estagiárias Mariana Casagrande e Maria Eduarda Lannes. Ainda contamos com a curadora Gabriela Davies nas exposições e na organização da reserva técnica na Villa Aymoré. Para manter a eficiência, utilizamos sistemas e ferramentas simples, com manuais e processos atualizados.

Ao longo desses anos, passaram pelo Instituto – trabalhando diretamente ou colaborando externamente – pessoas que tiveram em comum a dedicação e o amor ao projeto PIPA. A elas, meu agradecimento por esses dez anos (que venham muitos outros!) e meu convite para algumas delas escreverem alguns depoimentos ou memórias.

Lucrécia Vinhaes

Coordenar o Prêmio PIPA e o Instituto IP, junto a Lucrecia Vinhaes, durante cerca de sete anos, foi prazeroso e desafiador. Eu havia me formado em Comunicação e vinha da área de produção em cinema, então tudo era novidade para mim.

Durante os primeiros anos, nos reunimos semanalmente. A equipe estava bastante alinhada e tudo era feito com muito planejamento, mas também de forma intuitiva e sempre apoiada na vontade, de todos os envolvidos, de ver o projeto dar certo.

Talvez um dos pontos que mais me marcou ao longo de todo o processo tenha sido ver a evolução e a consagração do Prêmio a cada ano. Nas primeiras edições, é claro, precisávamos explicar do que tratava o projeto e, muitas vezes, responder a questionamentos de artistas e agentes do circuito desconfiados com o surgimento daquela nova iniciativa no meio. Mas, principalmente a partir da terceira edição, a receptividade e a empolgação dos artistas indicados e de todas as pessoas que colaboravam com o PIPA crescia visivelmente. Isso nos fazia perceber que o público estava aceitando muito bem o Prêmio e nos impulsionava para fazer cada vez melhor. Nós realmente vibrávamos a cada etapa, e acho que esse entusiasmo fazia grande diferença para a recepção positiva.

Em suma, o trabalho no Prêmio PIPA foi um grande prazer, me fez crescer muito e representou alguns dos anos mais gratificantes da minha vida profissional. Vida longa ao Prêmio PIPA e parabéns a todos que compõe a equipe ou que passaram por lá ao longo destes dez anos.

Catarina Schedel

A minha história com o Instituto PIPA se deu início em 2015, em Londres, quando ocupei o cargo de International Business Development, com o objetivo de internacionalizar o prêmio de arte mais relevante do Brasil. Com apenas um ano de currículo no mundo da arte, este cargo me foi cedido com uma extrema confiança e autonomia, por duas pessoas às quais tenho um eterno carinho e uma profunda admiração. Duas pessoas que acreditaram em mim e acreditam extensivamente no projeto que criaram. O PIPA é um exemplo da força e do poder da arte em unir as pessoas. Um projeto de perseverança, de paixão e de um compromisso com a história cultural e atual do nosso país.

Em 2016, quando assumi a coordenação do Instituto PIPA no Rio de Janeiro, pude entender a dimensão e a importância deste projeto. No diálogo diário e na aproximação com os artistas, curadores, críticos e diretores – os agentes culturais do nosso país –, pude compreender a relevância e, sobretudo, o impacto e a diferença que estávamos criando dentro deste meio.

Não se tratava mais de um trabalho e sim de um dever a ser cumprido. A nossa contribuição diária, tanto no conteúdo do site, na materialização do catálogo e até na exposição dos finalistas, é fundamental para tornar um extenso material sobre a arte contemporânea brasileira acessível a todos. Foram aprendizados diários, um mergulho profundo e extremamente enriquecedor no contemporâneo.

Tive a oportunidade de concretizar o progresso anual do Prêmio durante dois anos. Um sentimento gratificante, que só é possível através de uma sensibilidade, dedicação e responsabilidade extrema de trabalho em equipe. Esta experiência aprofundou e enfatizou a minha grande admiração pela produção extensa e diversificada dos nossos artistas.

Sou imensamente grata e sinto um grande orgulho em ter sido parte desta história, em poder ter contribuído para o estímulo da produção nacional e conseguir proporcionar uma visibilidade maior do cenário de arte contemporânea do Brasil através do Instituto PIPA. Que esta seja a primeira de muitas décadas e que possamos juntos, e através da arte, continuar transformando e contribuindo para o crescimento cultural do nosso país.

Maria Espírito Santo

Conheci o Prêmio PIPA como estudante do Parque Lage. O PIPA era citado pelos professores como uma importante iniciativa para a arte brasileira e como uma referência de plataforma para pesquisa. Não imaginava que pouco tempo depois eu estaria trabalhando no Prêmio e que estaria vendo amigos com quem estudei no Parque Lage sendo indicados.

Acho que a parte mais enriquecedora do trabalho no PIPA é poder conhecer a obra de tantos artistas e acompanhar, ano após ano, as indicações, que funcionam como um termômetro da cena de arte atual. Dessa maneira, aprendo mais não só sobre os artistas, como também sobre o contexto de arte no Brasil. A possibilidade de participar da montagem da exposição também é muito gratificante. É uma chance de ver de perto e aprender os processos de montagem, desde a planta da exposição até os retoques com os próprios artistas. A experiência no PIPA me dá a certeza de que quero estar sempre junto da arte, acompanhando seus movimentos, seus protestos, seus desvios e suas surpresas.

Thaysa Paulo

Nesse período que tive de aprendizado trabalhando no Instituto PIPA, um novo mundo surgiu para mim: o da arte contemporânea brasileira. Como comunicóloga, com especialização em cinema, achava o terreno da arte contemporânea um tanto arenoso e, no Brasil, pequeno demais. Trabalhar aqui me possibilitou ampliar meus horizontes pessoais, ao conhecer artistas brasileiras e brasileiros, antes estranhos a mim, produzindo tanto na minha vizinhança como no outro extremo do Brasil. Trabalhar na apresentação de um artista nos sites do Prêmio PIPA é conhecê-lo. Assistir todos os vídeos já produzidos ao longo dos anos me faz entender melhor as pessoas-artistas que passaram por aqui, se entregando. As conexões entre nós e os artistas

fortalece a conexão da equipe ao ver o resultado do trabalho de um ano inteiro: desde montar páginas e enviar e-mails até a exposição dos finalistas, com o catálogo... E esse tipo de reconhecimento, que traz a sensação de dever cumprido, traz também crescimento individual. Sou muito grata ao Instituto PIPA por me possibilitar conhecer tantas pessoas, artistas e não-artistas, trabalhando direta e indiretamente comigo. Obrigada!

Patricia Bello

Um depoimento torna visível uma impressão antes estritamente pessoal, é algo quase íntimo. Este é um depoimento de uma década de meu trabalho nos catálogos e nas montagens das exposições dos finalistas do Prêmio PIPA ao lado da equipe do Instituto. Vi a atenção dedicada a cada aspecto de cada uma das edições anuais e o forte envolvimento da equipe. Buscamos juntos aprimorar condições para que o catálogo e a exposição dos finalistas do Prêmio no MAM Rio fossem cada vez mais completos, preparados, amplos e melhores a cada ano. Essa é uma característica do Instituto: a constante busca pelo aprimoramento e o diálogo construtivo, a prática da crítica profissional em busca do melhor de si para o próximo ano. Foi uma década prazerosa, onde cada edição era aguardada e guardada com carinho na memória comum que construímos.

O Instituto PIPA cresceu, ampliou suas ações de envolvimento com a arte e fala por si, mas é construído, também, pela voz das pessoas que não o integram. O convite a essa comunicabilidade e permeabilidade, a essa troca constante, é uma marca do Instituto. Isso se dá neste livro rico em vozes, na exposição com a escolha do visitante por seu artista preferido entre os finalistas, no território livre que é área de convivência anexa à exposição dos finalistas, em suas redes sociais e no processo de cada uma de suas edições, onde os artistas são atendidos com atenção, com respeito e com liberdade à sua expressão. O respeito, aliás, é a palavra que caracteriza o Instituto, seu respeito para com os artistas, com o público, com as obras e com as parcerias construídas ao longo deste caminho. Para mim é um prazer e uma honra fazer o design deste livro.

Carla Marins